



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e assista a um vídeo sobre os 12 anos do pontificado do papa Francisco.

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



IGREJA CATÓLICA

Um papado de futuro incerto

Francisco completa 12 anos de pontificado com a saúde debilitada e com dúvidas sobre a capacidade de comandar 1,4 bilhão de fiéis. Vaticanista vê momento de incerteza e guerra civil na Santa Sé, e filósofo não crê em renúncia

» RODRIGO CRAVEIRO

O alemão Joseph Ratzinger, o Bento XVI, tinha acabado de renunciar ao pontificado. Depois de dois dias de conclave, o argentino Jorge Mario Bergoglio tornava-se o primeiro papa latino-americano, em 13 de março de 2013, e escolhia o nome "Francisco", em homenagem a São Francisco de Assis. Da sacada da Basílica de São Pedro, na Cidade do Vaticano, fez um pedido especial aos fiéis: "Antes que o bispo abençoe seu povo, peço que vocês rezem ao Senhor para que Ele me abençoe". Nos 12 anos à frente da Igreja Católica, Francisco combateu a pedofilia, fez acenos à comunidade LGBTQIAPN+, escolheu a freira Simona Brambilla para dirigir o importante Dicasterio para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica e implementou reformas na Santa Sé. Depois de 29 dias de hospitalização e com a saúde fragilizada por uma pneumonia bilateral, o futuro do papado de Francisco está marcado pela dúvida.

"A Igreja vive um grande momento de incerteza. Ninguém sabe como a saúde do papa estará nos próximos meses. Ele parece melhor, mas a doença pulmonar e a infecção não foram debeladas. Os médicos do Hospital Gemelli (em Roma) pretendem mantê-lo internado até que essas condições estejam controladas. Por várias vezes, Francisco disse que estaria pronto a renunciar, se suas condições físicas não o ajudassem a comandar a Igreja", afirmou ao **Correio** o biógrafo papal italiano Marco Politi. "Caso algum cardeal ultraconservador pressione Francisco, ele poderá afirmar que sua missão está no Trono de São Pedro. Do ponto de vista racional, o pontífice está pronto para tomar a mesma decisão de Bento XVI."

De acordo com Politi, os últimos dez anos foram marcados por uma "guerra civil subterrânea" dentro da Igreja. "Depois do Sínodo sobre a Família, em 2014 e em 2015, os ultraconservadores nunca aceitaram que Francisco tenha

Vincenzo Pinto/AFP



O argentino Jorge Bergoglio acena da sacada da Basílica de São Pedro, depois de ser eleito o 266º chefe da Igreja Católica, em 13 de março de 2013

Com direito a bola e velas

Jorge Bergoglio celebrou com um bolo seus 12 anos como papa Francisco no hospital onde está internado há quase quatro semanas. A "pequena festa" foi organizada pelos médicos e enfermeiros do hospital Gemelli, em um sinal de sua melhora, segundo o escritório de imprensa do Vaticano. "A equipe de saúde que o acompanha nestes dias decidiu comemorar com um bolo e velas", acrescentou a fonte, sem dar mais detalhes. Durante o dia, o "Santo Padre" dos católicos seguiu com o tratamento e a fisioterapia, além de rezar e acompanhar a distância os exercícios espirituais realizados no Vaticano para a Quaresma.

dado permissão para a comunhão dos divorciados e das pessoas casadas novamente. Eles organizaram um grupo de pressão e fizeram forte oposição ao papa. Também lutaram contra o diaconato

As principais ações de Francisco

A SEGUIR, AS MEDIDAS DE IMPACTO TOMADAS PELO JESUÍTA ARGENTINO DESDE SUA ELEIÇÃO:

Luta contra a pedofilia

A multiplicação dos escândalos de agressões sexuais contra menores dentro da Igreja tem sido um de seus desafios mais difíceis. Em 2019, uma cúpula sobre a proteção de menores, no Vaticano, levou a medidas concretas, como a eliminação do segredo pontifício sobre os crimes, a obrigatoriedade para religiosos e leigos de denunciar casos a hierarquia e a

das mulheres ou a existência de padres casados na Amazônia."

O biógrafo papal crê que isso impediu Francisco de seguir com as reformas. "A comissão que ele criou para debater o diaconato

criação de plataformas de escuta em dioceses.

Prioridade para "periferias"

Em suas 47 viagens ao exterior, priorizou a visita às "periferias" do mundo, especialmente em países marginalizados do Leste Europeu, América Latina e África. O primeiro papa latino-americano é um grande defensor do multilateralismo e se abre ao diálogo com todas as religiões.

Comunidade LGBTQIAPN+

Francisco defende uma Igreja aberta a "todos" e tem

multiplicado os gestos em favor de divorciados recasados e fiéis LGBTQIAPN+. No fim de 2023, autorizou a bênção de casais do mesmo sexo, decisão rejeitada por setores conservadores da África e dos EUA.

Reformas

Francisco buscou implementar uma reforma profunda da Cúria Romana para fortalecer o processo de escuta das igrejas locais e dar mais espaço aos leigos e às mulheres. Também renovou o obscuro setor das finanças do Vaticano.

permissão para que diáconos casados pudessem se tornar padres. Quando o pontífice acenou que tomaria essa decisão, o papa emérito Bento XVI disse que seria impossível a existência de sacerdotes

Eu acho...

Arquivo pessoal



"O papa Francisco abriu as janelas e as portas para grandes avanços na Igreja Católica. Houve gestos, palavras e atos de governo. Ele pavimentou caminhos e, agora, é impossível retroceder. Ele decidiu dar a comunhão a divorciados e a pessoas casadas novamente. Algo que não foi permitido por João Paulo II e por Bento XVI. Também abriu os debates sobre diaconisas e colocou mulheres em posições-chave da Cúria Romana."

Marco Politi, biógrafo papal italiano e autor de *Francis among the wolves (Francisco entre os lobos)* e de *The unfinished (O inacabado)*

casados. Foi uma intromissão real no pontificado de Francisco."

Ainda segundo Politi, 12 anos depois de Francisco ascender ao Trono de São Pedro, a Igreja encontra-se muito dividida. "Os conservadores se opõem aos reformistas, e muitos bispos estão desorientados, pois pertencem a diversas tendências. Alguns apoiam a comunhão para divorciados, mas são contra a bênção a homossexuais. O próximo conclave será difícil."

Luiz Felipe Pondé, filósofo e diretor acadêmico do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da PUC-SP, lembrou ao **Correio** que a Igreja consegue se manter mesmo com o papa debilitado. "Há a gestão da Igreja, que não é conduzida pelo pontífice, e o papa, uma figura santa para os católicos. Uma coisa não se mistura a outra. Uma renúncia de Francisco poderia criar a sensação de nova ordem no Vaticano, uma jurisprudência capaz de se tornar um movimento de pressão dos cardeais sobre um papa de saúde fragilizada", observou.

UCRÂNIA

Putin impõe condições para aceitar trégua

Vladimir Putin mostrou-se, ontem, favorável à proposta dos Estados Unidos de cessar-fogo de 30 dias na guerra com a Ucrânia. No entanto, o presidente russo advertiu sobre a necessidade de se resolver "nuances importantes" nos termos do acordo. A Casa Branca enviou emissários a Moscou, com a missão de apresentarem o plano de Donald Trump ao Kremlin. O presidente norte-americano considera que seria "muito decepcionante" se Putin recusar um cessar-fogo. "Muitos dos detalhes de um acordo final foram discutidos", lembrou o republicano.

Putin expressou algumas dúvidas em relação à pausa nos combates. "Como garantir que essa situação não se reproduza? Como se organizará o controle? (...) São assuntos importantes", perguntou. "Estamos de acordo

com as propostas para pôr fim às hostilidades, mas partimos da base de que essa trégua deva conduzir a uma paz duradoura e abordar as causas profundas dessa crise", acrescentou. O líder russo não esconde o temor de que a Ucrânia aproveite a trégua para recrutar mais soldados, treinar seu Exército e receber armamentos do Ocidente.

Peter Zalmayev — diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev) — não ficou surpreso com as declarações de Putin. "Ele não quer ser acusado por Trump de sabotar o processo de paz. Putin pode tentar atrasar uma trégua e culpar a Ucrânia por isso. O Kremlin não demonstra compromisso com os principais temas: a independência e a soberania ucraniana.

Maxim Shemetov/AFP



Vladimir Putin passa por guarda de honra, em solenidade no Kremlin

Ele quer que a Ucrânia reduza seu Exército, não faça parte da Otan e oficialize o controle russo dos territórios ocupados", explicou ao **Correio**, por telefone. "Putin sabe que precisa ser cauteloso com Trump, a fim de não fazer com que o americano pareça fraco e ridículo. A capitulação da Ucrânia permanece como meta."

Jogo

Presidente do Comitê de Relações Exteriores do Parlamento da Ucrânia entre 2014 e 2019 e cofundadora do Centro Internacional para a Vitória Ucraniana (em Kiev), Hanna Hopko acredita que a Rússia "joga" com a guerra. "Os russos exigem demandas impossíveis da Ucrânia. Para Moscou, a Ucrânia não pode treinar seus militares, e os países europeus

têm que parar de enviar suprimentos para Kiev. Enquanto isso, eles recebem soldados da Coreia do Norte, armas da China e drones do Irã. A Rússia está mobilizando soldados na Belarus e quer ganhar tempo. São criminosos de guerra", disse à reportagem.

Anton Suslov, especialista da Escola de Análise Política, também em Kiev, não vê a reação de Putin como uma aceitação do cessar-fogo. "O líder russo enfatizou a necessidade de eliminar 'as raízes da crise'. O que são? A existência de uma Ucrânia soberana, o direito do povo ucraniano de construir o próprio futuro e escolher o vetor de seu desenvolvimento — coisas básicas", afirmou ao **Correio**. Suslov vê o conflito como existencial para a Ucrânia e considera inaceitáveis as condições de Putin. (Rodrigo Craveiro)